

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E CULTURA  
ESPECIALIZAÇÃO SABERES E FAZERES NO ENSINO  
DE ARTES VISUAIS**

Nicole Carvalho de Araujo Alvares

**Memória, religiosidade e afetividade**

Rio de Janeiro  
2025



Nicole Carvalho de Araujo Alvares

### **Memória, religiosidade e afetividade**

Memorial de Percurso - Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Janaína Laport Bêta

Rio de Janeiro  
2025

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

A473 Alvares, Nicole Carvalho de Araujo  
Memória, religiosidade e afetividade / Nicole Carvalho de Araujo  
Alvares. – Rio de Janeiro, 2025.

35 f.

Memorial de Percurso apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sabres e Fazes no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Janaína Laport Bêta.

1. Artes visuais - Estudo e ensino. 2. Religiosidade. 3. Vida espiritual. 4. Umbanda. 5. Catolicismo. 6. Simbolismo na arte. 7. Cultura afro-brasileira. I. Bêta, Janaína Laport. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Nicole Carvalho de Araujo Alvares

### **Memória, religiosidade e afetividade**

Memorial de Percurso – Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: 30 / 08 / 2025.

Banca Examinadora:

---

Profª Doutora Janaína Laport Bêta (Orientadora)  
Colégio Pedro II (SFEAV - DAV / CPII)

---

Profª Doutora Rosiane de Jesus Dourado  
Colégio Pedro II (SFEAV - DAV / CPII)

---

Profª Mestra Renata Vellozo Gomes  
Colégio Pedro II (DAV / CPII)

Rio de Janeiro  
2025

Dedico esse trabalho às minhas saudosas avós. Muito obrigada pelos ensinamentos e pelo carinho, vó Yda e vó Ana!

## **AGRADECIMENTOS**

Esse trabalho é resultado de um pensamento em conjunto do saber vindo das aulas, das trocas com meus colegas de curso e professores. O apoio incondicional da minha família, o carinho dos amigos e a dedicação da minha orientadora, fizeram com que fosse possível construir esse memorial. Participar do curso de Especialização em Saberes e Fazerem no Ensino de Artes Visuais promovido pelo Colégio Pedro II foi um prazer enorme devido a tamanha dedicação dos docentes e a abertura dos meus colegas em compartilhar sabedorias e, angústias. A dúvida, o medo e a incerteza nos levam a buscar respostas e soluções para aquilo que nos atormenta. Nem sempre conseguimos resolver tudo, mas quando buscamos com perseverança e resiliência pode ser que não encontremos as respostas, mas algo dentro de nós mude. Esse trabalho é o resultado de uma procura incessante em entender o que me angustiava desde cedo, que, no caso, era a religiosidade de matriz africana. Agradeço profundamente ao carinho que as minhas queridas e saudosas vó Yda e vó Ana por meio de seus ensinamentos me levaram a conhecer diferentes aspectos das religiões, mesmo que de forma indireta. Esse trabalho é dedicado a elas e a todos que contribuíram de forma positiva para a sua conclusão. Espero que ele possa servir de reflexão para os leitores e quem sabe inspirar outros trabalhos.

“(...) Se eu fosse só, já não estaria aqui  
Meu orixá quem me ajudou a persistir  
Na noite escura e nos caminhos me guiou  
E na umbanda eu retribuo o seu amor”

(Sons de Aruanda, 2022)

## RESUMO

ALVARES, Nicole C. de A. **Memória, religiosidade e afetividade**. 2025.

Memorial de Percurso – Trabalho de Conclusão de curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2025.

O presente trabalho buscará pensar e teorizar construções, saberes e fazeres artístico-visuais que tiveram por ponto de partida jornada espiritual da autora. Ao longo do texto almeja-se estabelecer conexões entre as religiões de matrizes africanas e percurso individual, seja nas relações de fé, seja nas criações artísticas; refazendo através do percurso da memória os caminhos dos sincretismos religiosos familiares e sociais que nos atravessam ao longo da vida impactando diretamente em nossa construção identitária. Ao longo do texto dialogaremos com os autores Roberto Conduru e Monique Augras, que discutem a cultura afro-brasileira de forma histórica e sociocultural. Através das criações artísticas procuraremos estabelecer relações com a religiosidade e a espiritualidade, especialmente o Catolicismo e, sobretudo, a Umbanda. Tais relações se estabelecerão principalmente através da utilização de materiais religiosos de grande simbolismo, sempre na intenção de estabelecer conexões entre as visualidades e a memória afetiva. A escrita em articulação com as produções artísticas, tem por foco a narrativa do processo de construção e desconstrução pessoal das percepções acerca de paradigmas da religiosidade; apontando como a sociedade e os indivíduos têm sua percepção influenciada por pré-conceitos calcados na falta de conhecimento e, conseqüentemente, discriminação da cultura africana e afro-brasileira. Neste memorial de percurso temos a intenção de apresentar e pensar as produções artísticas inspiradas em vivências em estabelecimentos e terreiros de Umbanda, tendo por fio condutor trajetória espiritual pessoal.

**Palavras-Chave:** arte; trajetória; religiosidade.

## ABSTRACT

ALVARES, Nicole C. de A. **Memória, religiosidade e afetividade**. 2025.  
Memorial de Percurso – Trabalho de Conclusão de curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2025.

This work will seek to think and theorize artistic-visual constructions, knowledge, and practices that have as their starting point the author's spiritual journey. Throughout the text, the aim is to establish connections between African-based religions and personal journeys, whether through faith relations or artistic creations; retracing, through the pathway of memory, the routes of familial and social religious syncretisms that shape us throughout life, directly impacting our identity construction. Throughout the text we will dialogue with authors Roberto Conduru and Monique Augras, who discuss Afro-Brazilian culture from a historical and sociocultural perspective. Through artistic creations we will seek to establish relationships with religiosity and spirituality, especially Catholicism and, above all, Umbanda. Such relationships will be established mainly through the use of religious materials of great symbolism, always with the intention of establishing connections between visualities and affective memory. The writing, in conjunction with artistic productions, focuses on the narrative of the process of personal construction and deconstruction of perceptions about paradigms of religiosity; highlighting how society and individuals have their perception influenced by preconceptions based on a lack of knowledge and, consequently, discrimination against African and Afro-Brazilian culture. In this journey memorial, we intend to present and reflect on artistic productions inspired by experiences in Umbanda establishments, using a personal spiritual trajectory as a guiding thread.

**Keywords:** art; trajectory; religiosity.

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Nicole Alvares, <i>Memórias</i> , 2024.....	12
Figura 2 – Nicole Alvares, <i>Imersão nas matas</i> , 2024.....	15
Figura 3 – Nicole Alvares, <i>Casa de Macumba</i> , 2012.....	17
Figura 4 – Nicole Alvares, <i>metamorfose espiritual I</i> , 2025.....	18
Figura 5 – Nicole Alvares, <i>Metamorfose espiritual II</i> , 2025.....	19
Figura 6 – Nicole Alvares, <i>A pomba-gira que gira...</i> , 2024.....	19
Figura 7 – Nicole Alvares, <i>Vivências I</i> , 2012.....	22
Figura 8 – Nicole Alvares, <i>Vivências II</i> , 2012.....	22
Figura 9 – Nicole Alvares, <i>Vivências III</i> , 2012.....	23
Figura 10 – Nicole Alvares, <i>Vivências IV</i> , 2012.....	24
Figura 11 – Nicole Alvares, <i>Vivências V</i> , 2012.....	25
Figura 12 – Nicole Alvares, <i>Tridente de Exu</i> , 2024.....	26
Figura 13 – Nicole Alvares, <i>Sincretizando I</i> , 2025.....	27
Figura 14 – Nicole Alvares, <i>Sincretizando II</i> , 2025.....	28
Figura 15 – Nicole Alvares, <i>Sincretizando III</i> , 2025.....	28
Figura 16 – Nicole Alvares, <i>Sincretizando IV</i> , 2025.....	29
Figura 17 – Nicole Alvares, <i>Novos Caminhos I</i> , 2025.....	32
Figura 18 – Nicole Alvares, <i>Novos Caminhos II</i> , 2025.....	32
Figura 19 – Nicole Alvares, <i>Novos Caminhos III</i> , 2025.....	33

## Sumário

<b>LISTA DE IMAGENS</b> .....	9
<b>1 - MEMORIAL DE PERCURSO: INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 – ENTRE A CRUZ E A COBRA</b> .....	11
2.1 - <i>Primeira fase: O medo</i> .....	15
2.2 – <i>Segunda fase: A fascinação</i> .....	21
2.3 – <i>Terceira fase: A ressignificação</i> .....	26
<b>3 - NOVOS CAMINHOS</b> .....	31
<b>4 - CONCLUSÃO</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35

## **1 - MEMORIAL DE PERCURSO: INTRODUÇÃO**

O caderno de artista tem como objetivo mostrar por meio de imagens como a espiritualidade me fascina, sobretudo, a de matriz africana. O meu passado e presente se fundem construindo um pensamento povoado por ideias e experimentações. A intenção está focada no experimental, como a espiritualidade me toca e, até mesmo, a busca por algo além daquilo que concebemos como o concreto. Para começar a desvendar o meu caderno vou começar pela minha história e como foi o meu contato com o espiritual.

Para iniciar o caderno de artista e assim o memorial de percurso abre-se discurso a partir do termo, o Sagrado, que se cria de forma material já no primeiro trabalho realizado na aula do professor Ed Sombrio. A partir da construção poético-imagética a palavra Sagrado domina a composição e marca o ponto de partida: uma autodescoberta que permeia o meu universo espiritual. Ao longo do percurso realizado nesse caderno a narrativa mostra como a espiritualidade impactou a minha vida e a forma como esta foi presente nas diferentes fases materializadas nos trabalhos realizados.

## **2 – ENTRE A CRUZ E A COBRA**

Para construir o caderno de forma poética e imagética serão utilizadas algumas imagens de trabalhos que foram criados durante as aulas, bem como registros de visitas proporcionadas pelo curso de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais. A primeira imagem se refere ao primeiro trabalho, realizado na aula inaugural.

**Figura 1 \_ Mémórias**

Fonte: Nicole Alvares , 2024

Para iniciar o percurso imagético trago o símbolo da cruz. O crucifixo - pelo convívio por anos e influência de minha avó Yda profundamente católica - é muito presente em minha memória visual religiosa. A imagem da bíblia aberta com o terço marcando a página a ser lida que ficava ao lado de sua cama ficou guardada em minha memória todos esses anos, simbolizando a forma como ela era devota à sua religião. Por ter convivido muito de perto com ela e sua crença, fui influenciada de forma cultural. Quando ainda pequena, por vezes, eu e outras crianças criávamos procissões para o dia de São João.

Ao longo deste memorial poderão ser vistos nos trabalhos visualidades que remetem a símbolos conscientes e inconscientes advindos deste lugar da infância e que foram se somando às memórias construídas com o passar do tempo; entre estes, os provenientes das religiões de matriz africana que passei a ter contato um pouco mais tarde.

O trabalho realizado na aula do professor Ed Sombrio intitulado *Memórias* é dominado pela palavra sagrado que ocupa a composição quase por inteiro e marca o ponto de partida de uma autodescoberta que permeia o meu universo espiritual.

A imagem apresenta o símbolo da cruz porque o crucifixo está muito presente na minha memória visual religiosa, sobretudo, pelo convívio com minha avó católica ao longo de muitos anos, como já mencionado anteriormente. O caderno também materializará imageticamente passagens pelos símbolos visuais das religiões de matriz africana

É notável como o catolicismo está presente na cultura brasileira por meio das festividades e rituais. Muitas pessoas se casam ou batizam os filhos na igreja católica mesmo não sendo católicos praticantes, mas por puro costume e tradição, ou até mesmo, por superstição/crença. Assim podemos perceber que o catolicismo pode ser de todos, “(...) é uma religião do padre e da puta, do policial e do bandido, do fiel paroquiano da Renovação Carismática e de pessoas que em nome de pessoas e de comunidades deram e seguem dando suas vidas.” (Brandão, 2010, p. 10). O autor cita um caso interessante, o de Lampião, que era um homem devoto, mas que, nem por isso deixaria de ser um cangaceiro, matando muita gente. Este exemplo cria um paradoxo, pois de acordo com o entendimento cultural do evangelho, matar é um pecado. Porém, o mesmo evangelho diz que “somos todos pecadores”.

O catolicismo é uma das poucas religiões a que se pode pertencer até mesmo quando o indivíduo não a frequenta mais. Desta forma, por ser tolerante em muitos aspectos, acolhendo até mesmo o “fiel” não praticante (diferentemente de outros credos que não permitem o afastamento do fiel) - o catolicismo acolhe “católicos de nome”, “católicos de fé, mas não de igreja”, “católicos praticantes”, “católicos participantes” e aqueles conhecidos como “católicos não praticantes” - o catolicismo consegue ainda se manter como a religião com o maior número de fiéis no Brasil.

Para exemplificar questões relativas à fé e aos muitos credos professados por vezes por um mesmo indivíduo, Brandão cita uma passagem do *Grande Sertão : Veredas*

hem? Hem? Que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente da religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara loucura. No geral Isso é que é a salvação-da-alma... muito religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas,

quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gentes e acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando belos hinos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar – o tempo todo. Muita gente não me aprova, acham que a lei de Deus e privilégios, invariável. E eu, Bofe! Detesto! O que sou? (...) Eu? - Não tresmalho! Olhe, tem uma preta: Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês - encomenda de rezar por mim um terço todo santo dia e, nos domingos um rosário. Vale, se vale. Minha mulher não vê mal nisso. (Rosa *apud* Brandão, 2010, p. 9 -10)

Esse trecho de *Grande Sertão: Veredas* revela o sincretismo religioso tão característico do Brasil. As pessoas quando necessitam buscam ajuda em todos os segmentos religiosos que podem e, nem por isso, deixam de se considerar pertencentes a uma única religião. É um fato característico de uma sociedade diversificada culturalmente.

Para Brandão (2010), as diversas formas de viver a fé e de se conectar com o lado espiritual dialogam com a tradição católica, que, por sua vez, se funde a várias culturas e situações presentes no universo. Até hoje os festejos e comemorações católicos fazem parte do calendário anual do Brasil, atraindo milhares de pessoas de diferentes crenças para festejar e participar dos rituais.

O autor acima citado nos dirá ainda que existe uma demanda pelo retorno às diferentes facetas de experiência pessoal e coletiva de “viver a fé”. Este é um tempo em que há uma necessidade de busca de sinais sonoros, mais visíveis, promovendo o desejo de partilhar a fé pessoal e de crenças coletivas. Segundo suas palavras, “Sentimos uma confessada ou não nostalgia de um sagrado não apenas empapado de símbolos, mas rico de mitos, de imagens muito pessoais, muito afetivas, muito interativas” (Brandão, 2010, p. 13)

Na busca empenhada de escrever este memorial de percurso busco refazer em minha memória o caminho percorrido. Percebo então que uma grande serpente, ou melhor, uma cobra grande, foi quem me conduziu da visualidade do crucifixo de vó Yda até os símbolos das religiões de matriz africana. A cobra chegou até a mim em proposta elaborada pelo professor Ed Sombrio, ao nos propor uma atividade calcada em saberes indígenas e suas visualidades. Na proposta elaborada pelo professor (de uma produção



situam entre o encanto e o medo. Nessa época praticamente não tinha contato algum com a umbanda e nenhum parente meu se assumia como praticante dos cultos africanos. No entanto, na casa de uma de minhas tias tinha sempre um “trabalho feito para santo”. Ela mesma pedia para não irmos ao terraço de sua casa, onde ficava a oferenda, mas a curiosidade de criança era mais forte que a interdição do espaço. Desta forma, eu e minha prima subíamos até lá escondidas e sempre passávamos pelo trabalho (que consistia em um prato com um tipo de mingau e uma vela acesa ao lado). Aquela visualidade despertava uma imensa curiosidade e ao mesmo tempo um medo gigantesco a ponto de me gerar inúmeros pesadelos. O medo estava relacionado também com a forma com que meus pais e o restante da minha família lidavam com a materialidade e o simbolismo da umbanda e do candomblé. A forma discriminatória como as religiões de matriz africana são tratadas desde o início do desenvolvimento do país criou uma visão superficial e equivocada, como algo maligno. Até hoje muitas pessoas consideram como algo ruim e a se temer.

De acordo com Roberto Conduru (2007, p,13) “Transportados forçadamente e escravizados, os africanos estiveram impedidos de reproduzir livremente suas culturas no Novo Mundo”. Isso teria feito com que a espiritualidade africana fosse oprimida e vista como algo ruim. Desde o início da conquista/dominação pelos europeus as missões jesuíticas vinham para proferir a palavra de Deus, de acordo com os ensinamentos bíblicos, proibindo manifestações do sagrado que não fosse a da fé católica, como as dos povos indígenas e posteriormente a dos povos africanos. Ainda segundo a visão do autor citado, “durante a vigência da escravidão, até 1888, as práticas religiosas foram cerceadas pelo catolicismo, o que restringiu a difusão de seu imaginário e sua produção artística.” (Conduru, 2007, p.26) Oprimidos e discriminados os símbolos da religiosidade africana foram vistos com estranhamento pela sociedade brasileira.

A imagem abaixo diz desse estranhamento da sociedade em relação às entidades cultuadas em religiões de matriz africana. A foto intitulada *Casa de macumba* é de minha autoria, foi realizada no período em que estava na faculdade. Ela simboliza a primeira fase de minha relação com a religiosidade de matriz africana. Nesta época eu costumava andar pelo centro de Niterói, local onde podemos encontrar muitas casas que comercializam artigos relacionados as práticas dessa religiosidade, conhecidas popularmente como “casa de macumba”. Essas casas geralmente têm em suas entradas imagens grandes de entidades espirituais da linha de Exu, como essa abaixo.

**Figura 3 \_ Casa de Macumba**

Fonte: Nicole Alvares, *Casa de Macumba*, 2012

Quando era criança, lá pelos sete anos de idade, sem entender a cultura brasileira, ao passar pelas “casas de macumba” e ver aquelas imagens de gesso gigantescas, maiores do que eu, ficava horrorizada. Tremia dos pés até a cabeça. Contudo, recorro com nitidez que a imagem da *Pomba-gira* me chamava muito atenção por ser sempre representada como uma mulher sensual, usando roupa e maquiagem provocativa. Para Monique Augras (2000), a repressão conservadora imposta sobre a simbologia africana esvaziou da imagem de *lemanjá* todo conteúdo sexual. A *Pomba-gira* é uma criação brasileira, uma união de aspectos escandalosos, representando a livre expressão da sexualidade feminina.

Mesmo esboçando traços sedutores (vestido colante), *lemanjá* é vista como a mãe boa, desafricanizada, espiritualizada, a “vibração do mar”. Ela foi aos poucos perdendo características que possam vinculá-la a uma mulher real. Por outro lado, a *Pomba-gira* é a personificação do oposto de *lemanjá*, sendo mundana, sexualizada, marginalizada. Ainda segundo Augras (2000), o discurso dos umbandistas tende a situar a *Pomba-gira* como pertencente à quimbanda, isto é, área da magia negra. No entanto, estudiosos como Birman (citado pela referida autora) afirma que não há tanta distinção e distanciamento da umbanda e da quimbanda. Nas palavras de Augras:

no caso preciso da Pomba-gira, é óbvio que sua inclusão numa vertente vista de antemão como desprezível, negativa e comprometida com o mais “baixo espiritismo” só vem reforçar a importância de sua imagem em contraposição à Iemanjá da “umbanda branca”. (Augras, 2000, p.30)

Parece que uma foi criada para que a outra fosse aceita, destinando a última toda corrupção moral a que as religiões de matriz africana são vistas. Curioso pensar que se trata de uma invenção fluminense, quase “carioca”, posto que a umbanda foi criada na cidade de São Gonçalo, pertencente ao estado do Rio de Janeiro.

Pensando nesta questão da resignificação da *Iemanjá* como uma mulher “branca”, desprovida de sexualidade, elaborei a instalação, como consta nas fotografias abaixo da série *Metamorfose espiritual I e II*, que propõe uma transformação imagética de *Iemanjá* em *Pomba-gira* com um banho de parafina de vela vermelha e esmalte da mesma cor.

**Figura 4 – Metamorfose espiritual I**



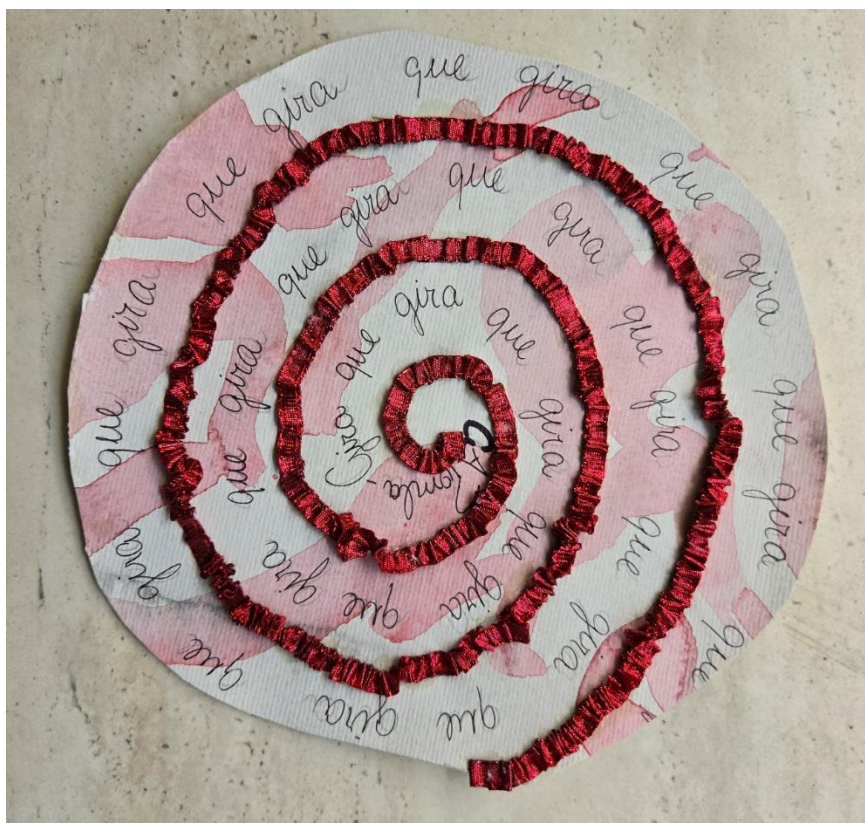
Fonte: Nicole Alvares, 2025.

**Figura 5 - Metamorfose espiritual II**



Fonte: Nicole Alvares, 2025.

**Figura 6 – A pomba-gira que gira...**



Fonte: Nicole Alvares, 2024.

A Pomba-gira que gira que gira...

*Pomba-gira é  
Mulher de sete marido!  
Não mexa com Ela,  
Pomba-gira é um perigo!*  
(Neto Teixeira apud Augras,  
2000, p. 33)

A imagem acima é de um trabalho pensado nas cores, nos brilhos, movimento e formosidade característicos das *Pombas-gira*. Lembro de vê-las nos terreiros que já visitei, com belas saias trabalhadas nas cores vermelha, preta e dourado; presença sensual, sedutora e cativante. As vestes se aproximam do povo cigano com muitos babados e ostentação, não à toa que algumas delas pertençam a esse grupo étnico.

Para Augras, as *Pombas-gira* estão associadas à luxúria, mulheres que quando desencarnadas entregam-se a *Sete Exus*, passando a pertencer ao povo de *Pomba-gira*. Mas, também há relatos de mulheres que em vida tenham tido muita prática sexual. De qualquer forma, fica-se no consenso que são espíritos de mulheres que se entregaram à luxúria seja em vida, seja depois da morte.

Segundo Ortiz, citado por Augras (2000) no entanto há uma preocupação que Jorge de Oliveira traz dizendo que é um erro rotular as *Pombas-gira* de prostitutas e, por isso deve-se haver um cuidado na hora de confeccionar imagens dessa entidade.

não permita em seu terreiro a falsa concepção de Pomba-gira como sendo uma mulher prostituída; vamos abolir este absurdo, esclarecendo aos médiuns sua real e verdadeira ação nos trabalhos de magia; retirem as estátuas que apresentam uma mulher de peito nu, pois isto é absurdo, cegueira e atraso espiritual (Ortiz apud Augras, 2000, p.34)

A autora ainda afirma que quando incorporada a entidade é pacífica, informantes de Trindade. Dizem que a *Pomba-gira* incorporada não quer briga, é humilde e não gosta muito de homens. *Maria Padilha*, uma das *Pombas-gira* mais conhecidas, em vida teria sido professora, uma pessoa esclarecida e elegante. Contudo, era também prostituta, mas sabia se portar bem apresentada. Há uma linha de pensamento que diz que o jeito de ser delas é uma libertação dos aspectos reprimidos que quando extravasados no terreiro transparecem exagerados. Quando incorporada, ela diz:

eu sou eterna (...) tudo que existe no mundo, da maconha à bagunça, é o meu

reino (...). Quando uma mulher se perde, dou gargalhada, quando um homem vira efeminado, eu dou gargalhada, porque meu mundo é bom e bonito. Pra mim tudo está bem porque eu não tenho mais nada a perder. (Damatta *apud* Augras, 2000, p.36)

Desta forma, a *Pomba-gira* vai representar tudo que é marginalizado pela sociedade brasileira tradicionalista e elitista. A mulher que dá gargalhada, que fala o que pensa, que se veste de forma sensual; características vistas como vulgares e que causam um choque porque não se encaixam dentro do perfil aceito para a mulher brasileira. Importante estarmos atentos e não nos referirmos a *Pomba-gira* como ser único, porque seu nome é legião, para cada uma batizada há mais sete sem nome (conhecidas como obsessores). Entre as mais conhecidas, estão: *Pomba-gira Cigana*, *Maria Molambo*, *Maria Padilha*, *Rosa Caveira*, *das Sete Encruzilhadas*, *da Sepultura*, *das Amas*, entre outras.

Algumas características que elas têm em comum são o uso das cores predominante vermelha e preta, as oferendas de rosas vermelhas, uso de bebidas alcoólicas como cachaça e champanhe, velas, toalhas e cigarros ou cigarrilhas. Cada *Pomba-gira* vai trabalhar para um setor diferente, como por exemplo: a *Pomba-gira cigana* resolve casos na justiça, a *Pomba-gira Rainha* resolve casos de amor e assim por diante. Mas, uma coisa que me marcou muito quando frequentava centro de umbanda era o que uma delas dizia “O que *Pomba-gira* dá *Pomba-gira* tira”. É uma frase de impacto porque soa como uma ameaça, dita com o intuito de ser tratada com respeito. Essa fala da *Pomba-gira* me amedrontou, mesmo já adulta, mas foi a partir do esclarecimento e do estudo que pude desconstruir o preconceito enraizado dentro de mim.

Assim a primeira fase – o medo, manifestou-se em mim ainda criança, e somente na fase adulta pude compreender e ter um novo olhar sobre a religiosidade, as minhas crenças e a cultura a qual pertencço.

## 2.2 – Segunda fase: A fascinação

A fascinação. Eu já tinha aproximadamente 16 anos e a vontade de conhecer os cultos da umbanda e do candomblé afluíam em mim e na minha irmã de uma forma intensa. Foi nessa época o meu primeiro contato em um terreiro de umbanda. Fiquei fascinada com a música, as giras, as roupas, as imagens... era tudo muito artístico,

poético. As fotos abaixo foram feitas por mim alguns anos depois do meu primeiro contato com a umbanda, essa série intitulei *Vivências*.

**Figura 7 – Vivências I**



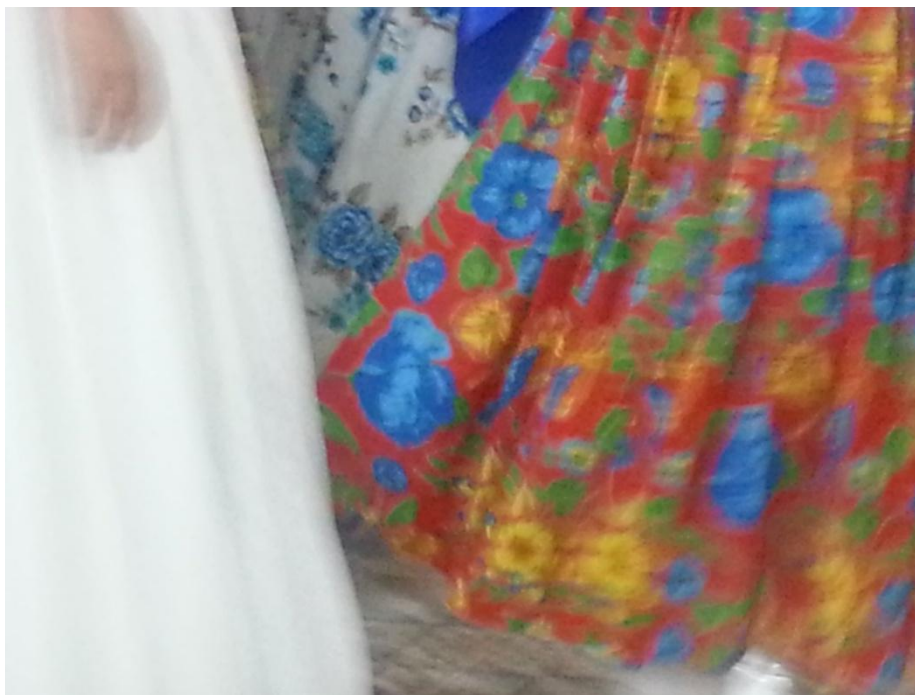
Fonte: Nicole Alvares, 2012.

**Figura 8 – Vivências II**



Fonte: Nicole Alvares, 2012.

### Figura 9 – Vivências III



Fonte: Nicole Alvares, 2012.

Para Roberto Conduru (2007), o sincretismo religioso se apresenta de forma evidente na umbanda. Nas imagens de minha autoria capturo o momento de gira de um centro de umbanda misturado com candomblé. O uso das saias brancas ou estampadas ilustram a presença da cultura europeia no terreiro. Embora os pés estejam descalços, as pessoas se movimentam em cima de um piso de cerâmica, diferentemente dos rituais africanos que ocorrem ao céu livre, num terreno de terra.

o que explica o sincretismo, o culto de divindades africanas personificadas com nomes e imagens católicas: Ogum como São Jorge, Oxalá como Nosso Senhor do Bonfim, Iemanjá como sereia, ou na imagem largamente difundida da mulher branca, voluptuosa, com cabelos negros longos e lisos, que solta pérolas ao caminhar no mar, à noite, em meio a rosas brancas. Outras apropriações na cultura material e nos rituais podem ser percebidas no uso de utensílios de porcelana nos assentamentos e no vestuário ocidental antigo – especialmente o traje de baiana com suas anáguas de roda e bordados de *Richelieu* - , ou na aproximação às tradições dos povos nativos na América, dos ciganos e orientais. O que resulta de diálogos com outras culturas atuantes no

meio brasileiro, as influências mútuas, recusas, absorções. (Conduru, 2007, p.27)

A gira da umbanda e do candomblé é algo extremamente belo para mim, captura a minha atenção. Mesmo com tanta referência europeia, a umbanda, nascida no Brasil, se desdobra e se transforma em bela e essencialmente brasileira. Nos altares dos terreiros, a quantidade de esculturas das entidades impacta e se apresenta muito semelhante ao altar de uma igreja católica. Como afirma Roberto Conduru, para serem aceitas, muitas entidades foram ligadas ao nome e a imagem de santos católicos.

Não somente as vestimentas, o altar e adereços, mas o ritual de incorporação também me atrai e me fascina. Quando a *médium* perde o controle do seu corpo e uma entidade passa a comandá-lo, apropriando-se, comunicando-se através desse, alimentando-se dos alimentos dos quais gostam, fumando cigarro, tomando cachaça, são aspectos do ritual que capturam a atenção de todos ao redor.

#### Figura 10 – Vivências IV



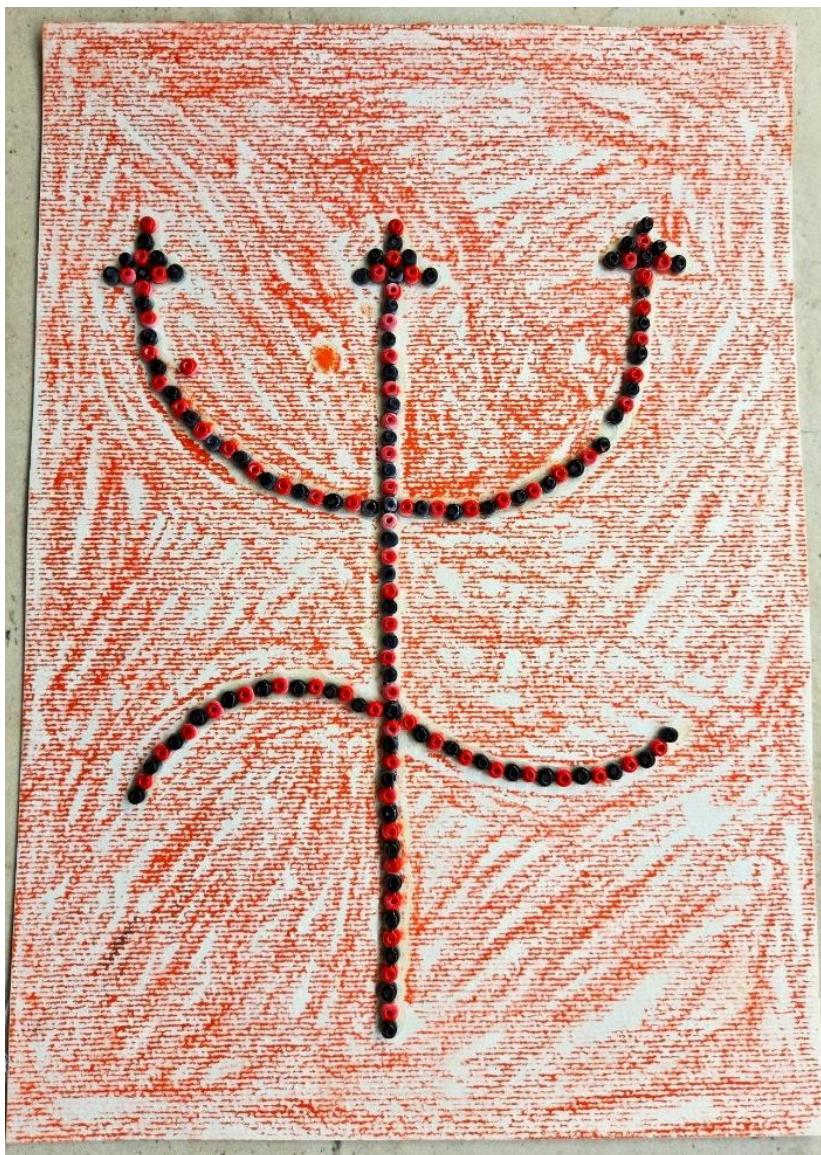
Fonte: Nicole Alvares, 2012.

Essa foto marca o momento em que um *médium* incorpora uma entidade. A forma como o corpo se contorce fica visível nesta imagem. Esse é o momento em que a entidade vai assumir controle no corpo da pessoa encarnada.

**Figura 11 - Vivências**

Fonte: Nicole Alvares, 2012.

A imagem acima consiste na parte de trás da área dos *ogãs*. São eles que vão ditar o ritmo dos pontos das giras. É algo tão sagrado e reservado que no dia que fui visitar o centro, os *ogãs* não permitiram que a área deles fosse fotografada, mas autorizaram a foto das guias de *exus* que ficava na parte de trás.

**Figura 12 – Tridente de Exu**

Fonte: Nicole Alvares, 2024.

No trabalho acima *Tridente de Exu* busco sintetizar por meio de elementos simbólicos como as cores vermelho e preto, as miçangas, o tridente e a textura do giz vermelho, características dos *Exus*. É com esse trabalho que encerro a segunda fase, fascinada pela poética artística presente na religiosidade de matriz africana.

### 2.3 – Terceira fase: A ressignificação

Após iniciar estudos sobre a religiosidade de matriz africana, pude dar novos significados ao medo que senti na infância e entender que a espiritualidade da umbanda e do candomblé, assim como acontece com o catolicismo, está presente nos brasileiros independentemente de se frequentar ou não algum terreiro. Nossa comida, vocabulário

e música estão repletos de influências espirituais africanas. Para Roberto Conduro (2010, p. 45), “somos capazes de conviver também com a antiga prática dos despachos em encruzilhadas, com garrafas de bebida, potes cerâmicos cheios de comida, velas, fumos, flores, frutos” Com isso, podemos perceber que a religiosidade que chegou ao Brasil através dos povos africanos está em toda parte, integra nossa vida. É necessário pensar na força psicológica dos elementos que constituem a espiritualidade afro e refletir como eles são capazes de produzir afeto, afetar assim como o fez em minha jornada.

**Figura 13 – Sincretizando I**



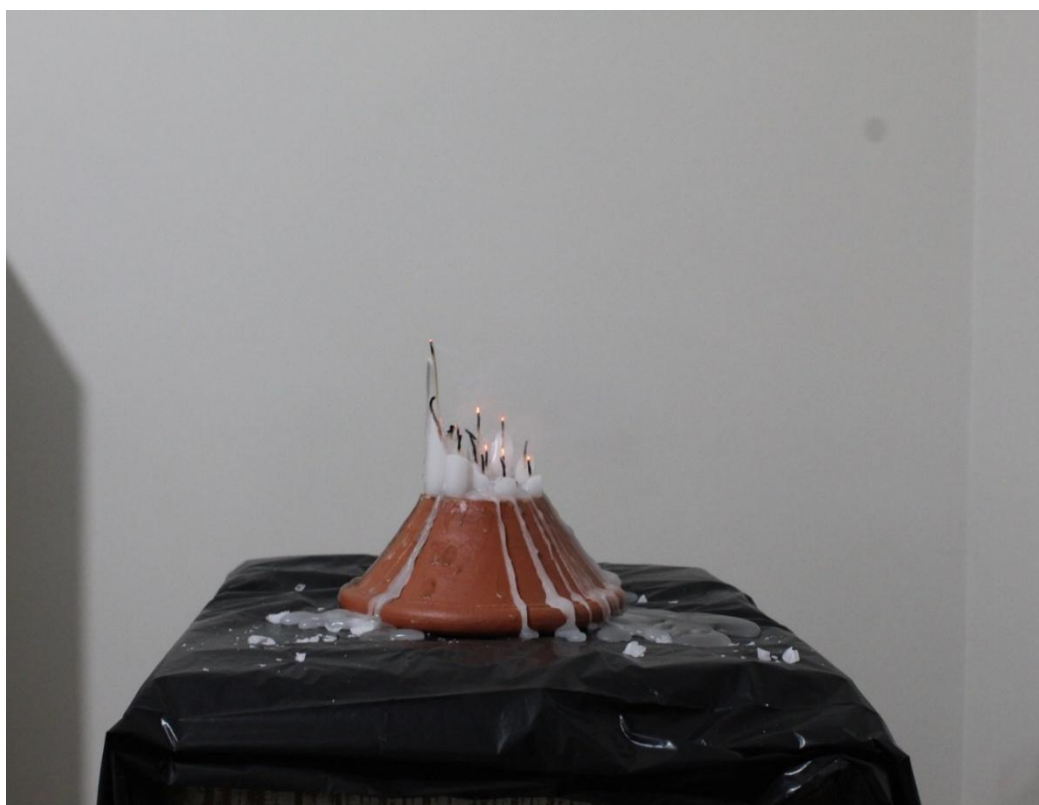
Fonte: Nicole Alvares, 2025.

**Figura 14 – Sincretizando II**



Fonte: Nicole Alvares, 2025.

**Figura 15 – Sincretizando III**



Fonte: Nicole Alvares, 2025.

**Figura 16 – Sincretizando IV**

Fonte: Nicole Alvares, 2025.

Nas sequências elaboradas e fotografadas por mim intitulada *Sincretizando I, II, III e IV*, o alguidar que é utilizado para ser abastecido de oferendas que são arrumadas de acordo com o Orixá a qual é dedicada, aparece na posição invertida. No universo espiritual tal ato seria considerado uma ofensa às entidades. Porém, nesse caso, fiz o uso de um material religioso para dar força e fluidez ao derretimento da vela e dar ênfase ao material simbólico/ritualístico. Assim, o elemento fogo e a materialidade da vela ganham espaço principal. Aqui não se trata somente da vela que se acende para o Orixá, mas a vela que é acesa para um ente querido falecido no dia de finados. Trata-se da potência que o fogo e a vela representam.

A plasticidade da parafina da vela é algo extremamente cativante para mim. A combinação do seu derretimento juntamente com o impacto visual da chama me atrai. O uso do alguidar veio reforçar a conexão com a religiosidade de matriz africana, algo que me interessa desde nova sendo este o objeto de estudo desse memorial. A união do alguidar com as velas, para mim, representa o sincretismo brasileiro, isto é, o uso de velas brancas, tais quais a minha vó acendia no dia de finados e o alguidar como um objeto que é simbólico nas religiões de matriz africana usado para oferendas aos orixás tão comumente encontrado nas encruzilhadas.

Esse trabalho foi uma construção do pensamento amadurecido ao longo do curso que ganhou materialidade na aula da professora Janaína, minha orientadora. As aulas ficaram marcadas pela forma sensível como os alunos reagiam. Os estudos apresentados pelos alunos continham uma carga emocional enorme, trazendo particularidades pessoais, o que potencializou o desejo que tinha de botar para fora a religiosidade dentro de mim de forma poética.

A posição que o alquidat se encontra na instalação representa a rejeição que sofri em um momento difícil da minha vida que senti como se a espiritualidade tivesse me abandonado. Virar esse objeto não só representa uma passagem complexa, como também a ressignificação da dor que sofri, agora não mais dolorosa e sim poética.

De acordo com Agripina Alvarez Ferreira, em seu livro de reflexões sobre imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos, o elemento fogo é visto de forma intensa, ambígua e vívida.

se tudo que se modifica lentamente se explica através da vida, o que se modifica depressa é explicado pelo fogo. O fogo é ultravivo. O fogo é íntimo e universal. Vive no nosso coração. Vive no céu. Sobe nas profundezas da substância e oferece-se como um amor. Volta a tornar-se matéria e oculta-se, latente, contido, como o ódio e a vingança. Entre todos os fenômenos, é ele realmente o único que pode aceitar as duas valorações opostas: o bem e o mal. Brilha no Paraíso. Arde no Inferno. É doçura e tortura [...] (Bachelard *apud* Alvarez Ferreira, 2013, p. 83-84)

Desta forma, o fogo representa dualidades entre o espiritual e o mundano, o bem e o mal, o quente e o frio, a vida e a morte. Acendemos vela para festejar mais um ano de vida, assim como, rezamos pelos mortos ou para uma entidade espiritual. O fogo vai representar uma conexão ou, até mesmo, um diálogo. Ao virar o alquidat pretendo enfatizar o elemento fogo em detrimento ao elemento terra que fornece o alimento, propondo reflexões sobre o material e o imaterial, explorando a forma plástica das velas, das chamas e dos seus significados.

Para Bachelard, em suas inúmeras pesquisas sobre a imaginação dos “quatro elementos” que dizem respeito às matérias conceituadas pela humanidade para dar suporte à concretude do mundo, o filósofo defende que os indivíduos sonham constantemente com a forma com que a ação das imagens tradicionalmente cósmicas age. O modo como se estabelece o entendimento do que constitui o universo se dá por

meio da imagem criada por ela/ela própria. Contudo, esse entendimento se desenvolve por conta própria, independente da ação do homem/mulher, até atingir o nível de universo. Nas palavras do autor, "(...) Sonha-se diante do fogo, e a imaginação descobre que o fogo é o motor de um mundo. Sonha-se diante de uma fonte, e a imaginação descobre que a água é o sangue da terra, que a terra tem uma profundidade viva." (*apud* Alvarez Ferreira: 2013, p.64)

Traçando um paralelo entre a conceituação que Bachelard tem do elemento terra e o alguidar (presente no trabalho deste memorial) que provém também da mesma origem, percebe-se como por si só o objeto já carrega um caráter vivo e pulsante. O mesmo barro que passa pela ação do fogo para dar forma ao objeto também dá vida ao crescimento dos alimentos que serão abastecidos no ritual para uma entidade espiritual. Desta forma, percebemos a força imagética e energia contida no objeto alguidar, por tudo que o compõe, seja no campo da matéria, seja no campo simbólico, seja como objeto ritualístico.

### **3 - NOVOS CAMINHOS**

Nesse último percurso da exploração artística individual procurei trabalhar com a plasticidade da parafina. Como esta pode ser moldada e de forma plástica representar um caminho, tal qual o caminho da água no rio. As cores, o material e o elemento fogo fazem parte da religiosidade afro-brasileira algo que, como disse anteriormente, impactou a minha vida. Contudo, nessa série fotográfica intitulada *Novos Caminhos I, II e III* busco trabalhar de forma poética os caminhos que a vida pretende me levar. O fogo garante o derretimento da cera da vela que por sua vez traça percursos imprevisíveis, assim como o destino.

**Figura 17 – Novos Caminhos I**



Fonte: Nicole Alvares, 2025.

**Figura 18 – Novos Caminhos II**



Fonte: Nicole Alvares, 2025.

**Figura 19 – Novos Caminhos III**



Fonte: Nicole Alvares, 2025.

#### **4 - CONCLUSÃO**

Pensar sobre a influência das religiões de matriz africana em minha vida me fez perceber o quanto, nós brasileiros, estamos conectados a elas, mesmo que indiretamente. Passamos pelas ruas e encontramos despachos; ouvimos um *funk* e percebemos a apropriação dos ritmos e sons do atabaque; vamos ao restaurante e vemos farofa amarela; sem mencionar a feijoada que é prato principal em muitos restaurantes cariocas e fluminenses às sextas-feiras. E, o que podemos dizer sobre o dia de São Cosme e Damião onde muitos terreiros distribuem as famosas sacolinhas de doce? Mesmo que de forma sincrética, envolvendo aspectos, elementos e santos católicos, a espiritualidade afro é parte constituinte da identidade cultural brasileira.

Como professora, vejo novos caminhos e possibilidades para inserir em minha prática docente a conscientização acerca da identidade cultural brasileira. A reflexão dos impactos da religião na minha trajetória instigou curiosidade que resultou em buscas e aprofundamentos acerca da cultura negra afro-brasileira. O caderno de artista é fruto de um processo de autoconhecimento que foi sendo construído ao longo da minha vida, por todo processo de amadurecimento, partindo da infância, passando pela

adolescência e atingindo a fase adulta. Todos os terreiros que já passei e os diferentes cursos dos quais fui aluna complementaram a elaboração do caderno de artista cujo relato de construção apresento neste memorial de percurso.

Assegurada pela Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira, percebo como professora a necessidade e o desafio da aplicação desse tema em sala de aula, promovendo um ensino consciente e que valorize para além da multiculturalidade que seja praticada a interculturalidade na educação, abordando de forma significativa o sincretismo religioso brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ FERREIRA, Agripina Encarnacion. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos** [livro eletrônico] / Agripina Encarnación Alvares Ferreira. – Londrina: Eduel, 2013;

AUGRAS, Monique. De Iyá mi pomba-gira: transformações e símbolos da libido. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **Candomblé: religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000;

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e folia, festa e romaria**. SP: Ideias & letras, 2010;

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. União: seção 1, Brasília, DF, 9 de jan. 2003. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)> Acesso em: 10 de ago. 2025;

CONDURU, Roberto. **Arte Afro-brasileira**. Belo Horizonte: C/Arte, 2007;

Memória, religiosidade e afetividade. Produção de Nicole Carvalho de Araujo Alvares. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2025. Mp4 (57s), color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VdHKkpQ2dXg>>.